



O Gaicato

AVENÇA



PORTE
PAGO

Quinzenário * 26 de Fevereiro de 1977 * Ano XXXIII — N.º 860 — Preço 2\$50

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz

Tribuna de Coimbra

É um encanto de criança. Chama-se Rito e tem um corpo grande em seis anos; seis anos muito infantis. É monhé. Nasceu na Ilha do Sal — da República de Cabo Verde — e fala o creoulo a cantar. É uma cara sempre cheia de sorriso, mesmo quando vê que nada entendemos do que diz. É mais uma vítima. Mais uma das nossas vítimas. Não sabemos se vítimas do império e imperadores, se vítimas dos novos mundos que demos ao Mundo.

O Rito está connosco. A mãe encontrou também abrigo. Do pai não sabemos paradeiro.. O apelido familiar é «Bontempo». Bom tempo que todos desejamos. Bom tempo atmosférico; bom tempo social; bom tempo económico; bom tempo de trabalho para recuperarmos o mau tempo que temos perdido.

Quando o Rito chegou e de todo o seu nome só entendemos «Bontempo», todos o recebemos com amor e esperança. Estamos todos ansiosos que passe a longa invernia e desponte a aurora da Primavera. O Rito no seu sorriso e no seu apelido chamamos à esperança; esperança que tem de ser fruto de amor, amor que o Rito recebe e há-de retribuir. O Rito e todos aqueles nas condições dele e dos seus que forem amados. Este amor há-de ser o grande raio a despertar a Primavera da nossa vida. Se não, continuaremos em invernia.

Que sorrias sempre, Rito. E que o bom tempo ligado a teu nome o seja para todos.

Padre Horácio

PENSÃO SOCIAL

A IGREJA DEVE DAR A MÃO AOS POBRES

A Igreja, de norte a sul do País, tem uma palavra a dizer no que se refere à pensão social para todos os indivíduos, homens ou mulheres, com mais de 65 anos, ou inválidos, sem rendimentos suficientes e que não beneficiam de nenhum esquema da Previdência.

O prazo dos requerimentos à Caixa Nacional de Pensões termina em 30 de Abril...

Sim; à Igreja — Párcos e Leigos — cabe agora, também, uma grande, famosa a dizer grave, responsabilidade no sentido de colmatar as carências dos Pobres; e a maior, com certeza, é o analfabetismo implantado nos estratos etários abrangidos pelo direito só agora reconhecido oficialmente.

A título de exemplo: pela nossa mão, só no curto prazo de quinze dias, já endereçámos muitos sobrescritos à Caixa Nacional de Pensões; que a maioria dos requerentes ou não sabia ou mal sabia escrever o seu nome, quanto mais o resto... Não falando de uma prospeção a nível comunitário de que, inclusivé, são mensa-

geiros os próprios requerentes aviados.

— V., agora, também tem o dever de lembrar aos outros, da sua idade — que desconheçam o direito à pensão social — para que se mexam, arranjem ou procurem arranjar certidão de nascimento narrativa simples e o atestado da Junta; que o resto é connosco.

O Mandamento Novo!

— Tem de ser assim, meu senhor. Tem de ser assim: fazer os outros o mesmo bem.

Párcos do Altar abaixo. Leigos na rua. Todos em acção. «Cada freguesia cuide dos seus Pobres!»

Hoje, Pai Américo não diria mais nem menos. Ozanam, idem.

A Igreja da capela ou da sacristia, acabou.

Cristo dá-Se à Mesa do Altar, mas na baúca do Miserável, também. Ou não somos Corpo Místico? Ou o Mandamento é para ser encaixilhado no Templo, à moda dos fariseus?

Pregar do Altar abaixo um direito sagrado dos Pobres; repeti-lo hoje e amanhã, de forma que entendam — é Evangelho.

Percorrer os antros da Miséria, dando a mão ao ignorante, esclarecendo o duvidoso, batendo à porta do Registo Civil e da Junta de Freguesia ou escrevendo em nome deles à Caixa Nacional de Pensões — como humildes recoveiros — oh! acção que a terra não come! Acção de vida, imbuída de Vida, na procura de Justiça para os Pobres e Oprimidos.

Júlio Mendes

FESTAS



«A Festa está toda nisto mesmo: tem o brilho e o valor que o Público lhe quer dar...»

Faz este ano trinta deles que aconteceu no Coliseu do Porto uma Festa como nunca lá tinha havido. Foi no dia de S. António de 1947.

Lembro-me bem. Estudava então no Porto e era maré de exames.

Mas foi por causa de um doente que não assisti.

Uma Festa como nunca tinha havido... Recordemos Pai Américo a defini-la:

«Uma casa cheia a suspirar. O Porto a marcar presença. Esgotou-se a bilheteira! Fora eu artista, que havia de pintar aqui a mulher da parábola, inundada de alegria, a berrar da janela a notícia de haver achado a moeda d'ouro que perdera. Tinha dez em seu poder, mas não contavam tanto como aquela. A perdida é que era a moeda. Por ela daria a vida. Foi essa que ela topou. Alegrai-vos! A janela rasgada foi mirante.

Ora eu gesto muito de ver os factos e dá-los a conhecer à luz

do Evangelho. Não há sombras porque não há corpos. É tudo luz.

É desta maneira que todos nós devemos ver e compreender a Festa do Coliseu. «Era tudo gente a suspirar», como aqui em casa me declarou um dos nossos.

Moedas perdidas! Moedas d'ouro, ouro nosso, perdidas nas entulheiras e hoje recuperadas. Alegrai-vos!»

Foi assim há trinta anos e sempre assim tem sido ao longo deles, não só no Porto como em muitas outras terras aonde nos temos apresentado. «A Festa está toda nisto mesmo: tem o brilho e o valor que o Público lhe quer dar.» E o Povo quer dar e dá-lhe brilho e valor porque reconhece na apresentação a figura da mulher da parábola e comunga da alegria a que ela convida: Alegrai-vos!...

Alegria amassada de riso e de lágrimas, a expressão mais

Cont. na QUARTA pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

ALCOOLISMO — Durante os últimos dias o povo tem sido alertado, pelos Meios de Comunicação Social, para os malefícios do alcoolismo e para as carências terapêuticas.

Somos, dizem os peritos, o segundo País do mundo com maior percentagem de alcoólicos: 500.000!

Números terríveis!

Quem anda ao rés-do-chão, procurando solução para diversos problemas sociais, sofre dolorosa angústia; não há meios capazes de combate ao Mal.

Ela vinha prostrada: — Ainda hoje não entrei em casa! Tenho pra lá os filhos sem nada pra comerem... — ...!

— Ele não me deixa entrar em casa. Dá-me logo uma grande sova!

É mais um alcoólico, na derradeira fase do plano inclinado. Aliás um caso que nos tem *massacrado* de várias formas, só porque não existem clínicas, tão pouco suficientemente qualificadas, para os Pobres.

— Diga lá — prossegue a Sacrificada — que hei-de fazer?!

Procurámos encaminhar a pobre mulher pelos caminhos da ética. É a nossa missão.

— Mas, quando lá chegar — V. já sabe — vou apanhar mais uma grande sova...!

É preciso atacar o Mal em toda a linha. Até pela nódoa: somos o segundo País do mundo com maior percentagem de alcoólicos!

PARTILHA — Continuam a chegar, todos os dias, migalhas que são alimento.

Assinante 12321, 150\$00. A presença habitual dos Amigos de D. António Barroso. Curvemo-nos, com respeito, pela figura de um grande Prelado. Santa Cruz do Douro, 250\$00. Corações ao alto!

Um Médico d'algures com 100\$00, sempre com muita discreção!

Mais 1.100\$00 *«da partilha mensal do meu ordenado»*. O Senhor é o Alívio das nossas dores.

Marcos dos Pereiros, Ceira, 750\$00 *«com a nossa amizade»*. Mais *«3.350\$ para os Pobres, ganhos nos dias santos em que tive que trabalhar»*. Oh! legendas!

Assinante 17740, o costume, com a habitual generosidade. Mais sobras: 500\$00 de Aurora, Lisboa — *«é pouco, bem sei, mas infelizmente não posso ser tão generosa como desejava»*. A intenção tem redobrado valor.

Mais um remanescente da assinante 30524. E outro, muito perseverante, do M. Amélia, de Lisboa, que friza: *«sendo possível agradeço que rezem em conjunto um Pai-Nosso por alma de minha querida Mãe»*. Não há outro nome mais alto no mundo!

Agora, recolhemo-nos de novo e ouçamos:

«Saúde e Paz.»

Aqui me tem a enviar esta pequena

lembrança para os nossos Irmãos mais necessitados.

No domingo faço trinta anos de casada. Têm sido compostos de tudo, mas belos no amor que Deus me tem dispensado.

Esta pequena lembrança é como um agradecimento por tudo quanto nos tem dado.

Que Ele continui a abençoar o nosso lar e o Seu Amor penetre no coração de meu marido que ainda não despertou para a verdadeira Vida para a qual nasceu.

Que o amor de Deus continui a ser o nosso traço de união...»

Que diria o Apóstolo dos Gentios? Estrada da Circunvalação, Porto, 50\$00. Voltemo-nos a curvar com respeito:

«Para a Conferência, 200\$00. Como vê, é pouco mas é com muito sacrifício, porque sou velha e sou só e estou reformada; mas vou tirando, durante o ano, um bocadinho para poder repartir com os meus Irmãos mais pobres e doentes...»

Júlio Mendes

Paço de Sousa

FESTAS — Festas, Festas, Festas!

Não se ouve outra coisa senão isto. No princípio o entusiasmo é demasiado grande, só que depois o entusiasmo começa a ser maço e a não haver já vontade para mais nada!

Os ensaios, o principal, confirmam agora com os nossos amigos músicos que têm como maestro o sr. Miguel de Oliveira.

Ficamos todos na expectativa de vermos o que dali sairá.

Festas!

CARNAVAL — O Carnaval está à porta e, com ele, os preparativos começam; ele são chapéus, máscaras, etc.

Isto tudo é feito com cartolina e fio.

Para os ditos obterem o material necessário vão buscá-lo, com certeza, à tipografia. Ainda não vai muito tempo apanhei o Augusto mai-lo Paulinho em busca de papezinhos para arranjar o cabelo da máscara que estavam a fazer.

Por isso, amigos carnavalescos, ponham-se a pau; ou, então, sofram as consequências!

TELEVISÃO — A R. T. P. tem estado connosco a produzir um filme para transmitir proximadamente: uma biografia de Pai Américo.

Os nossos mais novos têm andado com grande curiosidade a ver como tudo funciona; olham daqui espreitam d'acólá...

Daqui a uns dias vamos ter, entre a nossa malta, *operadores da Rádio Televisão dos Emissores de Calves!* Os carpinteiros que se ponham à tabela com as caixas a servir de câmaras...!

Isto sem ofensa para ninguém.

«Marcelino»

DIA-A-DIA

Adeus, soldadinho! Adeus!

A tarde de hoje foi impressionante. Uma maldita bala de pistola rasgou o peito terno de um soldadinho!

No caminho, à viatura militar que o transportava atropelou uma criança, o que a impossibilitou de prosseguir o seu destino. E o soldadinho foi morrendo aos poucos, em dolorosos ais!

Agora os seus olhos encontram-se fechados e o seu coração descansa para sempre. Já não bate nem sofre mais!

Faz hoje uma semana, quando à hora do jantar eu fui pelas mesas pedir um baralho de cartas para jogar com os presos, para lhes fazer companhia na prisão, com a devida licença de um superior, que o Martins se prontificou, o primeiro, a emprestar-me o seu baralho.

O Martins era um soldado triste, sério e reservado. Nunca aderiu às peripécias desastrosas dos companheiros!

Ainda me lembro da sua serenidade e dentro de mim sinto que ele ainda está vivo!

São três horas da madrugada. A noite é longa e triste no hospital desta cidade!

Antes de fechar a urna quero deixar nela duas lágrimas da minha alma a este soldadinho!

Manuel Amândio

LAR DO PORTO

A MISÉRIA — A cidade das aparências e das contradições dá pelo nome de Porto.

A entrada saltam à vista ruas e praças; mas surge o inevitável: por detrás das ruas vêem-se mendigos; por detrás do centro urbano vêem-se os bairros pobres!

O Barredo ou qualquer outra zona miserável estão escondidos...!

Os mesmos problemas de quem os tem sempre e daqueles esquecidos que, no meio deles, pelo menos uma vez, encontraram um Homem que os compreendeu: Pai Américo.

Agora, como dantes, a miséria não diminui!

Mas Pai Américo abriu os corações e os olhos a muitos que os tinham fechados...

Manuel Mendes

ANO DE LUTA

Cabe-me a mim dizer algumas palavras sobre o novo ano que há mês e pouco começou.

O que para nós tem muito significado.

Pois é um ano em que todos os portugueses têm de abrir muito bem os olhos.

O nosso processo é a luta, a resistência e o comportamento de cada um, quer ao mesmo tempo dizer compreensão uns para com os outros.

Não podemos continuar sempre

com a mesma fraca jornada, mas sim uma forte jornada de luta pela Democracia.

Temos que ter uma fortíssima resistência dentro de nós e combater para vencermos o nosso fracasso.

Temos que enfrentar as dificuldades, do presente e para construirmos um futuro de paz, liberdade e justiça social.

Todos sabemos que é um ano muito difícil e que temos muito que pensar a sério no nosso futuro e daqueles que atrás de nós ainda vêm.

Os corações do povo português deviam ser só um, todos unidos para que tivesse uma grande força e coragem de combater contra toda a miséria que existe no País.

Não é quase todo o ano dias

inteiros em comícios, como se vê e só com palavras. Não, amigos, assim não se consegue nada.

Vamos meditar todos um pouco e lá chegaremos; o que é preciso é coragem e realismo.

Não é por acaso que eu escrevo este sentimento, mas é tudo aquilo que eu sinto e que todos os portugueses deviam sentir.

E que todos tenhamos a esperança de encontrarmos um País dentro das possibilidades que temos, que são muitas, se todos andarmos de cabeça levantada e olhos postos no futuro, não só no nosso País, mas em todo o mundo.

Fernando Manuel M. Tinoco

Partilhando

Todas as manhãs, o nosso pequeno almoço é servido com leite que as nossas vaquinhas dão. É uma refeição rápida e quase despercebida. Saboreá-la com agrado é ter presente o trabalho de quem passa as oito horas do dia ao redor dos currais... Currais para limpar, leite para tirar, erva para cortar, pasto para dar e a chuva a chatiar! São os nossos cinco «vaqueiros» com o Silva a orientar, que nos dão, pelo seu trabalho, a primeira «ração» do dia. O Freitas até já ganhou uma vaidadezinha em ser vaqueiro. É ele que diz e eu penso que não é brincadeira somente: «Os músculos são maiores». Há sonhos e mesmo qualidades de chefia. Há problemas que se vão ultrapassando. Há também mais cabelos brancos aqui e acolá, por tudo isso. Mas ele é ele mesmo. Se a vida não fosse às vezes tão maragosta...

O Fernandinho é, do grupo, o mais entendido em questões de vacaria. Já me castigou bem com uma ou duas noites de vigília até alta madrugada, para assistir ao parto de uma cria que, só passado oito dias é que se resolveu dar-nos o brinde de a vermos nascer. É assim mesmo! Vigilância pecuária! Foi um lapso e mais nada. Quem os não tem? E a vitelinha que nasceu dali, até era de raça pura! Valeu a pena, até para desculpar.

O «Melro», no seu dia-a-dia, não é pessoa de grandes comunicações, mas as vaquinhas já o conhecem pela sua voz grossa e ampliada. E têm-lhe medo... Técnicas antigas e sempre novas de trato, cujos efeitos até se estendem às próprias relações humanas. Por vezes, falar baixo é sinónimo de estar calado. Vivemos na sociedade do barulho. E o «Melro» é barulhento, por necessidade.

O «Azeitona» tem o mono-

pólio do moinho, mas não é de azeite, embora os «azeites» lhe subam à cabeça, quando vê que é preciso «mudar» as coisas de uma propriedade para outra. Todos temos os nossos «azeites», com mais acidez ou menos. Só Deus sabe as mazes que cada um «bebe» no ventre materno. Por isso temos que nos ajudar mutuamente, sem pedras na mão. Mas o «Azeitona» é trabalhador!

O «Chancudo» aprecia imenso, nos dias bonitos de sol quente, pastorear as vacas nos cantos verdes e sossegados dos campos, para saborear uma soneca serena ao som das ervas lambidas por bocas tão insaciáveis. Há muitos meses que o sol quente não vem. Há tanto tempo que o «Chancudo» não dorme aquele soninho, embalado pelas suas amigas. Que vigilância! E tanta gente a dormir à base de comprimidos!...

Estes quatro últimos são todos estudantes da 4.ª classe «avançada». O Fernando Dias é o professor paciente que só perde a paciência quando algum se lembra de ressonar... Hipnotismo, quem sabe?

O Freitas é da Telescola. Tem o condão de ter resposta na ponta da língua, a tempo e fora de tempo. Por isso mesmo, ele já vai sentindo que «pela boca morre o peixe». Mas a idade, a personalidade e a reguilice, que chatice! As qualidades mais apreciadas, passam sempre ou quase, pelos defeitos ultrapassados. É o segredo e o prémio da transformação!...

Quem sabe se as vaquinhas não inspiram coisas importantes que nós homens já esquecemos? Não será por isso que o «Periquito» anda a «meter chona» para a sua adesão à comunidade dos «vaqueiros»?!

Padre Moura

Problema da Habitação

Passaram dois meses sobre a entrevista do Ministro da Habitação, que temos reflectido — muito tempo para os tempos que correm. Antes que perca de todo a actualidade, deixa-me debruçar sobre outro ponto dos que mais me interessaram: A relação entre os vários serviços públicos que têm de intervir numa política eficaz de Habitação («redes viárias, transportes, escolas, serviços de saúde e públicos, indústria e comércio, cultura e recreio e protecção do meio ambiente»).

Disse o Ministro: «Os equipamentos e infra-estruturas, têm sido, até agora, lançados através das mais diversas direcções gerais de vários ministérios. Tornava-se absolutamente necessário uma coordenação regional dos serviços externos desses ministérios, os quais viveram durante muito tempo separados e ainda por cima de costas uns para os outros.»

Eis uma triste verdade que muitas vezes testemunhámos com dor: a duplicação de serviços para o mesmo fim, empreendidos por entidades diversas, na ignorância afectada umas das outras e, até parecia, às vezes, que viciados por uma espécie de ciúme umas das outras. Sobretudo neste capítulo da Habitação, a discussão do a quem compete isto ou aquilo, consumiu tempo e energias que esterilizaram a acção urgente a empreender — como se o problema não fosse nacional e todas as capacidades necessárias para acertar, cada qual com os tiros de que dispunha, no único alvo: fazer casas, muitas casas, com muito equilíbrio, para que ficassem ao alcance das possibilidades reais das populações carenciadas!

Estes pruridos coçavam-se no Terreiro do Paço, que fica

muito longe do resto do País: «cada organismo decidia a intervenção a levar a cabo na sua área de actuação, de acordo, apenas, com a orientação do respectivo departamento central e, por vezes, sem consulta, sequer, aos órgãos de poder local».

Parece que assim continua, pelo dizer do Ministro ao entrevistador: «Devo elucidá-lo que esta consulta ainda se processa de forma sectorial: e aquilo que a nível local ou regional não se compatibiliza, dificilmente se pode compatibilizar a nível central». Maior nau, maior tormenta!

E a seguir faz uma observação de grande importância, que constitui, exactamente, o cerne do nosso interesse: «A nível local existem homens e mulheres, infância e terceira idade, carências e desejos.

A nível regional os homens e mulheres vão-se desfocando e aparecem as necessidades dos aglomerados.

A nível central vão-se esbaltando os aglomerados e começam a aumentar de volume os programas, os custos, os prazos — **desumaniza-se a acção.**» (O sublinhado é nosso.)

Aqui está o dedo posto numa ferida antiga: acção desumanizada para responder a tantos problemas dos homens — como há-de vestir-lhes?! Bem queremos crer, como o Ministro promete, «que o Governo se encontra profundamente empenhado em que a imagem dos homens, das mulheres e das crianças, as suas necessidades e os seus desejos lhe sejam transmitidos com toda a nitidez. Para isso, cada vez mais se deslocará à freguesia, ao concelho, à região, porque a análise dos relatórios e informação não é suficiente para fixar a imagem real que quem

decide deverá ter sempre presente».

Pois não é, sobretudo para quem deseje empreender acções humanizadas e humanizantes. De «gabinete» aguda sofreu-se longamente: imagens feitas sobre outras imagens tantas vezes desfocadas por erro ou segunda intenção. Não há como os mais responsáveis irem directamente ao objecto colher a

imagem o mais fiel possível da realidade.

Centralização e humanização opõem-se. Por isso, a resumir o que dissera sobre este ponto, concluiu assim o Ministro: 1 — «Maior autonomia administrativa e financeira dos órgãos autárquicos, os quais devem ser tecnicamente orientados pelos serviços externos dos ministérios executores; 2 —

Maior ligação regional dos vários serviços externos, sujeitos a uma certa coordenação nas acções a desenvolver; 3 — Maior independência destes serviços em relação às respectivas direcções gerais no que se refere à sua acção sub-regional; 4 — Contactos mais frequentes da administração central com a administração regional e local que permitam maior celeridade na resolução dos problemas.»

Assim seja!

Padre Carlos

Setúbal

O Natal de 76 foi muito melhor que o anterior.

O Rogério, responsável pelos dinheiros da Casa afastou-se de nós e foi substituído pelo Américo, vindo de L. Marques.

A eles tenho dado escrupulosamente contas. Assim procuro viver a pobreza.

Pedi, várias vezes, ao Américo que pusesse os nossos amigos ao corrente do que aqui vem parar.

Como ele ainda não o fez, faço-o eu.

O inimigo do Homem, ao caluniar-nos de tudo o que lhe veio à cabeça, convenceu-se de que estancaria as nossas fontes.

Não. Nós bebemos mais Além.

Nunca mais, nem Câmara, nem Juntas de freguesias, nem Governo Civil, nem nada!... Temos sido ignorados. Como se não estivéssemos absolu-

tamente ao serviço dos mais pobres!...

Gastou-se para aí tanto dinheiro em paleio demagógico! Valores da comunidade devidos aos mais precisados. Mas quê? Para eles nada. Tudo para a política.

As nossas fontes são os Pobres. Os que amam. Os que esperam. Os escondidos. Os autênticos revolucionários. Assim, um grupo de Trabalhadores da Lisnave organizou uma festa para as crianças pobres. Vieram buscar-nos de autocarro. Regalaram-nos com uma visita aos estaleiros, um almoço, uma festa e carregaram-nos de prendas, roupas e um par de calçado para cada um. Foi uma alegria para todos.

Os da Secil reúnem-se todos os Natais. Cotizam-se. Chamam-nos. Encorajam-nos. Puseram nas minhas mãos 7.387\$20. Os da Sapec mandaram, em vale de correio, 4.600\$00. Os da Caixa de Previdência de Setúbal 4.550\$00, com votos de Feliz Natal. Os da «Pro-Funk de Sines» com a melhor boa vontade 1.770\$00. Os da Inapa 2.030\$00. Os da Fábrica Sociedade Outão Lda 2.105\$00. Os da Repartição de Finanças de Setúbal 770\$00.

Outros vieram individualmente. Cinco mil na Anunciada, idem «pelos meus Pais», a mesma quantia dum amigo de sempre, dum «Velhinha por Si e pelos seus» e dum amiga de Lisboa, grata pelo dom da vida com uma carta cheia de comunhão e de amor.

Dez mil do que há muito se vem aqui «desobrigar» todos os natais; idem de um casal idoso, com lágrimas nos olhos. As comunidades religiosas de Setúbal estiveram presentes com 1.000\$+1.000\$+500\$. Os Vicentinos deixaram 906\$00, os

Escuteiros 1.193\$00. As comunidades cristãs de Marateca mandaram 1.000\$ e mais 5.023\$. Um Sacerdote pôs-me no bolso 2.000\$00. Ofertório da Capela da Quinta das Torres 6.570\$+6.000\$. Dum vizinho, 2.000\$. Idem doutro amigo. A assinante 17.378 enviou mil «sufragando a alma de meus Pais». A mesma soma, várias vezes, de «uma pobre viúva de Barão de S. Migueu». Da Maria Teresa e do José Arcanjo, da nossa antiga Sensoria; da Quinta do Anjo, pedindo celebração por José e Lina Aguiar; da nossa farmácia; dum anónimo; de uma professora primária — idem cada. Do Canadá 40 dólares. Do Brasil 40 cruzeiros. Quinhentos do Montijo, Fundão, Casal Freitas Costa, Amadora, dum amigo como cota mensal, dum anónimo, do Elísio, dum ex-gaiato, por Luís e Júlia e pelo neto que não passou o ano escolar. Mealheiros 465\$+2.847\$50.

Dum partido político três mil; metade dum empresa de Setúbal todos os natais. De Montemor, cheque de 4.000\$00. Duzentos por alma de Maria, das renúncias da Mercês, para que celebrasse pelo Marido, pelo Sr. P.e João dos Franciscanos, de Cuba, de Azeitão, da Lia e da Berta todos os meses.

De Lisboa, cem muitas vezes. Idem dos assinantes 4.177, 22.415, da Lena e da R. das Amoreiras mensalmente.

Cento e cinquenta do assinante 22.412, da Maria Rita, da Deolinda, de Águas de Moura e da Adelina. Mais vinte do Victor Manuel. Da assinante 19.109, todos os meses, 20\$00 para bifés. Sugerimos-lhe que junte vários meses pois o correio leva uma boa parte. Duzentos da Maria Joana e da Jesuína.

Oito centos de escudos da Covilhã.

Por tudo dou graças ao Pai da Luz de Quem procede todo o Bem.

Padre Acílio

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Durante a última quinzena inscrevemos 128 assinantes!

Rio Maior:

«A campanha de que lhes falei na altura do Natal resultou alguma coisa, mas não tanto como esperávamos. Entretanto, mais vale pouco que nada. Por nossa parte, creio que fizemos o que pudemos...»

E foi muito!

STET, Lisboa, 32 assinantes. Não falando de muitos outros que, do Porto e da capital, enviaram «mais assinantes com muita satisfação».

Afirma curiosa presença da Invicta:

«Inscrevi-me assinante de O GAIATO, jornal que muito gosto de ler, porque às vezes não encontrava os vendedores. Acontecia que ficava sem ele...»

Assim, tenho a certeza de ter sempre o vosso jornal...»

Passam, pela nossa frente, mais exclamações, Amizade e Juventude:

«Cá vai mais uma nova assinante (da Borralha). É uma antiga aluna minha, hoje colega...»

Mais Juventude:

«É esta a primeira vez que vos escrevo. E muito gostaria de dizer. Mas, faltam-me, talvez, a coragem e o saber. Apenas vos digo que sou jovem, tenho 22 anos, e estou em falta para com vocês. Já vos conheço de Angola. Mas, aqui, encontro-vos também, embora poucas vezes...»

Por isso, vinculou-se como assinante.

A precissão continua. Passa Vouzela três vezes, de braço-dado a Braga. E Aveiro com mais uma data deles. E Ovar, idem. E Vila Nova de Gaia, também. Mais Salvaterra de Magos, Mem Martins, Penafiel, Miranda do Corvo, Cadaval, Coimbra, Carnaxide, Oliveira de Azemeis, Castelo Branco, Entroncamento, Alcoitão, Portalegre, Leiria, Damaia, Maia, Riachos, Setúbal, S. Mamede de Infesta uma série, Valbom (Gondomar), Amora, Esposende, Afhandra, Senhora da Hora, Malveira, Póvoa de Varzim, Valença, Paços de Brandão, Tomar, Odivelas, Braga, Vidago, Pretória (África do Sul) e Newark (América do Norte). Uma precissão de categoria!

Júlio Mendes

Humanização do mundo do Trabalho

Ficou-me do tempo em que julguei ir gastar a vida em campos de indústria uma náusea pelos sistemas de trabalho que reduzem o Homem a peça da grande máquina da produção. Sabem-no bem os nossos chefes de oficinas das vezes que lhes pedi que iniciassem os aprendizes na realização manual das tarefas que depois operariam com máquinas, para que tivessem a consciência do que faziam quando fosse a máquina a fazer, por eles comandada. Comando cego, automático, não é comando humano. Comandarão perfeitamente um cérebro electrónico; mas ele não existiria sem um cérebro humano a trabalhar por si antes que aquele fosse, para que aquele fosse. No princípio e no fim de qualquer acto humano, sempre deve estar o Homem, consciente do que faz.

Por isso também aquela pergunta muitas vezes repetida «que é isso que estás fazendo?», «para que é?», respondida negativamente sempre me repu-

gnou. Como se pode fazer um homem que não sabe o que está fazendo, para o que está trabalhando?!

Não admira, pois, que me desse grande alegria o conhecimento de que um País na vanguarda das ciências puras e da técnica, como é a Alemanha, tivesse em mãos, pelo seu Ministério de Pesquisa e Tecnologia, a realização de um programa de humanização do trabalho que procura substituir a linha de montagem por outras formas de produção industrial.

«Nesse projecto — leio no texto da minha informação — a estruturação do trabalho visa reduzir a inevitável submissão ao ritmo junto à linha de montagem». O trabalho em grupo, com «a possibilidade de cada um repartir o seu trabalho dentro de limites fixados, de fixar o próprio grupo o ritmo, de trocaram de actividade entre si os membros do grupo, leva evidentemente a

uma satisfação maior para quem está trabalhando».

A experiência decorre em 18 estabelecimentos industriais e há já numerosos exemplos práticos que confirmam o seu êxito. Em vez de linhas, ninhos de montagem, os quais reúnem em volta de uma mesa um grupo de operários em tarefas de acabamento que são levadas ao fim. Quando não mesmo, como se ensaiou num consórcio electrotécnico, «uma operária «sozinha em seu reino» fazendo o trabalho completo de montagem de automáticos de segurança».

Claro que isto exige espírito de cooperação e não se compadece com falta de civismo e de brio profissional e até com certas estruturas de produção. Mas reconhecem-se vantagens no trabalho assim humanizado pela fuga às grandes dimensões onde o homem se perde no anonimato, na rotina, na irresponsabilidade: «menos perda de tempo e menos flutuação em consequência de uma

satisfação maior, bem como menos desperdício porque cada um se pode identificar com o seu trabalho».

Certamente que nunca a grande indústria poderá regressar ao artesanato.

Mas temperá-la quanto possível para que o trabalho final resulte de autor, é uma ten-

dência saudável que revela respeito pelo Homem, pela sua personalidade tão mal ferida pela nossa civilização estandarizada onde as coisas produzidas pelos homens ameaçam constantemente desvalorizar o Homem.

Padre Carlos

FESTAS

Cont. da PRIMEIRA pág.

eloquente de sentimentos profundos. «Era tudo gente a suspirar.»

Já tenho pensado se o brilho e o valor que o brio dos Rapazes tem procurado imprimir à sua apresentação não correrá o risco de ofuscar o brilho e o valor que o Povo lhe quer dar. Momentos de nostalgia daquelas primeiras Festas, sem cenário nem encenação, onde cada um aparecia tal qual: «Buchas a cantar o tio Marcolino e chora-se... «General» a tocar castanhetas e chora-se... «Pastor» a assobiar como aqui faz às ovelhas e chora-se...» Sim, saudade da Festa e dos «astros» que o foram naquelas primeiras Festas, dos quais Deus já chamou alguns a Si. Saudade daquela palavra final de Pai Américo, que foi quanto valeu para a guardarmos viva em algumas preciosas gravações: «Quiseram que eu fosse o palco. Eu achava que não fazia ali falta nenhuma; estavam lá os da Festa.

Mas o Povo mandava e eu não tive outro remédio senão aparecer. É a minha cruz. A Cruz!»

Tenho pensado, sim, mas acho que não. Está certo o brio dos Rapazes. Que eles presumam cada vez melhor, que façam tudo quanto puderem para dar valor e brilho à sua apresentação. É uma maneira de corresponder à simpatia do Povo que vai ao nosso encontro movido por ela e permanece sempre, com sua presença activa, uma parte integrante da Festa, uma causa insubstituível e inesgotável do seu perene êxito.

Mas mais do que isso somos nós, moedas d'ouro sempre em risco de nos perdermos e em transe de recuperação. É esta verdade; é esta tensão contínua de lágrimas e riso, de fraquezas e vontade de as vencer — o cerne do drama que se exhibe, tão vivo, tão autêntico que nada espanta que ponha «toda a gente a suspirar».

Padre Carlos

Calvário

A esposa está senil, com todas as sequelas resultantes. Não o suporta. Bate-lhe. Despreza-o. Abandona-o. Contudo, ela é irresponsável.

Ele, cego e paralizado, em semi-consciência, sofre. E sofre pacificamente de carcinoma inoperável.

Num encolher de ombros, escusam-se os filhos, com a vida afadigada que levam e os sufoca. E não aparecem para resolver a situação agravada com a doença do pai.

São os vizinhos, amigos e compadecidos, que surgem aqui, a rogar um leito para o pobre enfermo.

Abrimos os lençóis, deitamos neles o sr. Domingos. Tornamos a cobri-lo e mandamos acrescentar a refeição para em seguida a introduzirmos naquela boca faminta.

Mal acabamos de acolher o pobre Doente, outro drama nos é dado a conhecer. O de uma velhinha da beira Douro, parálitica e a viver só. A mulher que a tratava cansou-se e andou. As vizinhas, aflitas, também aqui, pedem-nos a solução do problema que vivem.

Mas os dramas que nos apresentam sucedem-se em caduça. Este agora não é vulgar. Quatro irmãs paráliticas, são quatro fases diferentes da mesma doença medular progressiva. A mais velha já está totalmente dependente de outrem. Entretanto, a mãe falece-lhes no ano passado. O pai, no mês transacto. Os irmãos, emigrados, têm a vida montada noutras terras. As quatro encontram-se, pois, sós na casa paterna.

Torcemos serras uma manhã inteira para chegar a Chaves e no local nos certificamos da gravidade da situação. E verificamos que a realidade condiz com a descrição feita por quem se perturbou com ela. E fomos vencidos. Cada vez tenho mais medo de encarar a realidade. Ela tantas vezes esmagou-nos e saímos derrotados. Ai que se os responsáveis andassem pelas serras a ver o que tenho topado não dormiam tão sossegados!

Mais leitos é preciso abrir. Mais braços têm de se estender para dar a mão a quem dela tem carência.

Hoje fala-se muito da Terceira Idade, mas, geralmente, fica-se no palrar. Não se encontra a solução exacta para a dimensão do problema.

Ora, se o problema desta idade, tão falada, não estará resolvido nos tempos mais chegados, evidentemente que o da Quarta Idade muito menos. E a Quarta Idade — a dos que estão total e irremediavelmente inválidos — é a idade de muitos. São eles aos milhares. Suportam o peso de toda a espécie de sofrimento, físico e moral. Sobre eles cai a fome, a sede, o frio, a dor, o abandono, o esquecimento dos homens. E, tantas vezes, sem um gemido, sem um queixume, sorrindo, afirmando paradoxalmente que tudo está bem.

O médico que, carinhosamente nos assiste há anos, dizia-me há dias: «Eu, para as dores que vou tendo, encontro nestes doentes um lenitivo».

De facto, com o autor da

carta aos Hebreus, apetece-me dizer que «o mundo não é digno deles», tal a paz em que vivem.

Mas, depois de largos anos junto destes Doentes, começo a aperceber-me de certo cansaço pela luta que tenho travado na defesa dos Enfermos dados como perdidos, pela e para a sociedade. Há incompreensões, há críticas negativas. Ainda há bem poucos dias um ministro da nossa República afirmava que «temos de acabar com certa caridade». Não sei a que espécie de caridade se referia, mas pelo teor do desabafo, creio que incluía o nosso labor dentro desta «caridade». Tenha cautela, senhor Ministro! S. Paulo não gostou de o ouvir. Sem ela nada. Mas por outro lado, também tomo a liberdade para lhe dizer que, de facto, não parece muito necessário tentar suprimi-la, porquanto constato que muito poucos a estimam e se lhe dão totalmente.

É verdade amarga, mas estou cansado de esperar vidas dadas a esta causa. Ela é exigente, mas teste ao apreço do homem pelo homem, à generosidade do cristão para com o seu irmão.

O problema destes Doentes tem de ser primeiramente levado à inteligência para uma reflexão sobre a sua gravidade e urgência. Depois, descer ao peito para ser sentido. E, por último, estender-se a todo o nosso ser para nos coagir à doação e entrega.

Padre Baptista

- | | |
|------------|--|
| 9 de Março | — Cine-Teatro S. Martinho — PENAFIEL |
| 11 » » | — Cine-Teatro — AMARANTE |
| 16 » » | — Teatro S. Pedro — ESPINHO |
| 18 » » | — Teatro Aveirense — AVEIRO |
| 21 » » | — Cine-Teatro Augusto Correia V. N. FAMALICÃO |
| 24 » » | — COLISEU DO PORTO
Bilhetes à venda: Espelho da Moda, Rua dos Clérigos 54 e bilheteiras do Coliseu |
| 26 » » | — Cine-Teatro João Verde — MONÇÃO |
| 28 » » | — Cine-Teatro Santa Maria — ARRIFANA — bilhetes à venda: Casa Ribas, S. João da Madeira e bilheteiras do Cine-Teatro |
| 30 » » | — Cinema S. Geraldo — BRAGA |
| 1 de Abril | — Teatro Ribeiro Conceição LAMEGO |
| 4 » » | — Teatro Circo — VILA REAL |

Os bilhetes estão à venda em cada uma das referidas salas



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA
Redacção e Administração: Casa do Galato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e Impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Galato — Paço de Sousa